



AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: experiências dos discentes do Curso de Pedagogia do Campus III da UFPB

Tuane Gomes Silva de Lima ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar como os discentes do Curso de Pedagogia no Campus III da UFPB, analisam suas experiências em relação aos processos de avaliação propostos pelos docentes do referido curso. O ensino superior não está livre de problemas quando o assunto é avaliação. É possível perceber situações historicamente identificadas na Educação Básica, como instrumentos inadequados, falta de preparo dos professores, uso exclusivo de provas, competição, exclusão ou utilização da avaliação como instrumento de medida ou comparação entre discentes. A pesquisa de abordagem qualitativa utilizou o questionário como instrumento para levantamento dos dados, que foram aplicados a estudantes de diferentes períodos do curso de Pedagogia. Os resultados indicaram que há um predomínio de instrumentos mais tradicionais, a exemplo da prova, em detrimento de instrumentos de avaliação de caráter mais processual e formativo. Os alunos concluintes e àqueles que ingressaram no curso, recentemente, defendem a proposta de que é preciso diversificar as estratégias de avaliação para que o discurso dos professores e os estudos teóricos desenvolvidos tenham coerência e promovam experiências de novas práticas avaliativas. A vivência de novas experiências de avaliação pode conduzir aos docentes em formação práticas pedagógicas transformadoras e inclusivas no exercício de sua profissão.

Palavras-chave: Avaliação, Ensino Superior, Curso de Pedagogia.

INTRODUÇÃO

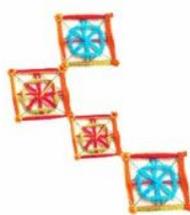
Este trabalho tem como objeto de investigação o Ensino Superior e os processos de avaliação nesta importante etapa educativa. A discussão dessa temática se dá em virtude da sua relevância acadêmica, uma vez que, ainda são escassos os trabalhos que estudem a avaliação no contexto da universidade.

O ensino superior não está livre de problemas quando o assunto é avaliação. É possível perceber situações historicamente identificadas na Educação Básica, como

¹ Graduada do Curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Graduando do Curso de Letras do Instituto Federal da Paraíba- IFPB, c.sinesio@hotmail.com.

²Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, com o tema: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: EXPERIÊNCIAS DOS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS III DA UFPB. Por Tuane Gomes Silva de Lima. Sob orientação da Prof^ª. Doutora. Fabrícia Montenegro.



instrumentos inadequados, falta de preparo dos professores, uso exclusivo de provas, competição, exclusão ou utilização da avaliação como instrumento de medida ou comparação entre discentes.

Durante o processo de avaliação, o professor deve analisar o desenvolvimento dos educandos como um todo, para a partir desta percepção, conduzir suas ações pedagógicas, com vistas a promover uma aprendizagem de qualidade pelos discentes.

O presente trabalho tem como objetivo geral verificar como os discentes do Curso de Pedagogia no Campus III da UFPB, analisam suas experiências em relação aos processos de avaliação propostos pelos docentes do referido curso. Como desdobramentos deste objetivo geral, temos os seguintes objetivos específicos: Identificar os instrumentos de avaliação mais utilizados pelos docentes do curso de Pedagogia; Conhecer as possíveis dificuldades e desafios enfrentados pelos alunos para a realização das atividades avaliativas e, finalmente; Verificar o sentimento dos discentes em relação à avaliação.

Devido a minha experiência como estudante do curso de Pedagogia no Campus III, senti necessidade e até porque não dizer, vontade de pesquisar sobre os processos de avaliação pelos quais, os estudantes do curso passam durante sua trajetória na universidade. Busco saber qual o sentimento que os educandos têm em relação aos instrumentos de avaliação pelo qual são submetidos e a forma como eles enxergam esses instrumentos.

Acredito que esta pesquisa se configura como uma importante contribuição para o curso de Pedagogia do Campus III, já que é a primeira vez, que os processos de avaliação do referido curso são analisados, como também é uma oportunidade de refletirmos como ocorre a avaliação em um curso de formação de professores, espaço por excelência, em que novas práticas de verificação da aprendizagem devem ser construídas e aprendidas.

O trabalho está organizado da seguinte forma: introdução apresentamos o objeto de investigação os objetivos, procedimentos metodológicos em seguida apresentamos o referencial teórico que fundamenta nossa pesquisa, discutindo sobre o que significa avaliação no contexto do ensino superior, especialmente, em uma universidade pública, como também as tensões que esse processo pode gerar, e logo a frente indicamos os procedimentos metodológicos da investigação e as análises dos dados coletados durante a pesquisa de campo, por fim apresentamos nossas considerações finais.



METODOLOGIA

A abordagem metodológica que vem a orientar nossa pesquisa é de cunho qualitativo que possibilita estudar o fato em sua realidade e ter conhecimento da perspectiva dos sujeitos a respeito do objeto de estudo.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é de caráter exploratório, já que tem o intuito de conhecer como os estudantes do curso de pedagogia se sentem frente às atividades avaliativas do processo ensino e aprendizagem desenvolvidas pelos educadores e quais são os principais instrumentos utilizados nessa prática.

Para a construção dos dados, utilizamos questionários, com questões abertas, definido pelo conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que mede a opinião do respondente, seus interesses, os aspectos de personalidade e as informações biográficas.

Os sujeitos que farão parte da pesquisa são alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia. Distribuiremos questionários nos 1º, 2º, 8º e 9º períodos do referido curso. Ao final, foram entregues questionários a 8 discentes, sendo dois de cada período. Esta amostra foi intencional, pois queríamos perceber a relação dos alunos e alunas dos diferentes períodos sobre a avaliação, mais precisamente, analisar a visão que os discentes têm sobre os métodos e conceito de avaliação no início do curso e confrontá-los com os questionários aplicados com discentes no final do curso.

O campo de pesquisa foi a Universidade Federal da Paraíba no campus III localizada no Município de Bananeiras na Zona Urbana, que oferece o Curso de Licenciatura em Pedagogia.

REFERENCIAL TEÓRICO

O modo como a avaliação acontece dentro de nossa sala de aula está relacionado em grande medida a biografia que cada um constrói de acordo com sua história de vida. O professor poderá reproduzir de alguma forma o que fizeram com ele, sobre isso, Luckesi (2011) diz exatamente que:



Durante nossa vida escolar pregressa, fomos excessivamente examinados, o que quer dizer ameaçados com os exames escolares. Agora nos tornamos educadores e, então, **replicamos** junto aos nossos educandos aquilo que aconteceu conosco: ‘fomos examinados, agora examinamos’. E, repito, não é por má vontade que os educadores agem assim (LUCKESI, 2011 p. 85)

Entendemos que é indispensável que os professores busquem novos métodos avaliativos que possam vir a proporcionar mais conhecimento a seus educandos, além do mais, procurar compreender o que de fato se busca com as praticas avaliativas, deixando sempre claro que a avaliação deve ser vista como uma parte do processo de ensino aprendizagem.

É preciso que se tome consciência do real significado do aprender a avaliar, pois significa não só aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas também saber que é preciso aprender e repensar a prática da avaliação no cotidiano da sala de aula. De acordo com Luckesi, (2011, p.30) “é uma aprendizagem que exige tempo e atenção especifica, na medida em que herdamos e construímos hábitos que conduzem a uma forma automática de agir”.

É possível identificar que a avaliação ainda tem sido vista pela maioria dos professores como apenas um resultado final, uma nota e não como uma parte do processo de ensino aprendizagem que vem a contribuir com o desenvolvimento do educando e tal ato deve assumir o caráter de verificação e medição da aprendizagem.

Nesta visão, que classificamos de tradicional por ainda ser, a nosso ver, a que domina o processo de ensino nos dias de hoje, a avaliação de aprendizagem é encarada como um processo de “toma-lá-dá-cá”, em que o aluno deve devolver ao professor o que ele recebeu e de preferência exatamente como recebeu, o que Paulo Freire chamou de “educação bancária”. (MORETTO, 2001, p. 96)

Nesse aspecto, a avaliação acontece de uma forma em que o mais importante é levar em consideração as variáveis que envolvem o seu processo e que também é de



suma importância na organização e no desenvolvimento do trabalho pedagógico deixando assim de ser apenas cobranças sobre os conteúdos que devem ser ministrados.

O universo acadêmico nos permite interagir com diferentes situações do contexto social, para refletirmos sobre eles à luz dos referenciais teóricos, dos objetos de investigação dos diferentes cursos. O curso superior possibilita um direcionamento entre a teoria e prática mais dinâmico, para que os estudantes possam avaliar e questionar situações que lhes permitam refletir sobre seu futuro ambiente de trabalho.

O curso de Pedagogia pode proporcionar aos educandos estudar concepções, ações e métodos diversificados de avaliação, fundamental a sua ação pedagógica futura. Quando pensamos em avaliação no ensino superior, especialmente, no curso de Pedagogia, entendemos que os docentes devem articular as teorias estudadas com as práticas vivenciadas no cotidiano educativo. As práticas avaliativas em que os professores de ensino superior utilizam podem influenciar o desenvolvimento dos estudantes de uma forma negativa ou positiva, dependendo da experiência vivida por estes.

A avaliação de um modo geral precisa guardar relações com finalidades sociais que se deseja conquistar. A forma de avaliar deve ser vista como um ato ético, já que a maneira como escolhemos e fazemos uso das práticas avaliativas qualificam o modo como vemos e interagimos com os educandos.

No que se refere às práticas de avaliação da aprendizagem no ensino superior percebe-se que há uma tendência de uma prática avaliativa mais tradicional, com instrumentos muitas vezes repetitivos, que podem desconsiderar as possibilidades de atividades que respeitem a diversidade de alunos e alunas que um curso apresenta. Refletindo sobre os instrumentos de avaliação utilizados nesse nível de ensino, podemos observar que muitas técnicas não diferem das presenciadas em outros níveis educacionais e que tem como principais : atividades em grupo, atividades extraclasse, debates, observação, prova escrita e seminários.

Além disso, esse reducionismo parece alterar a percepção dos professores quanto à variedade de atividades que podem ser envolvidas na avaliação, tendo em mente inferir o desempenho dos estudantes (DEPRESBITERIS, 2004, p. 54).

O debate sobre a avaliação da aprendizagem na educação superior precisa ainda ser ampliado e atrair um número maior de interlocutores. Tal como constatado por



Chaves (2004, p. 2), “apenas recentemente, na literatura educacional brasileira, têm surgido trabalhos que discutem esse tema”. Embora esse debate esteja concentrado particularmente nas últimas duas décadas, as análises realizadas fornecem algumas lições importantes.

A avaliação precisa guardar relação com as finalidades sociais mais amplas da educação, com o que desejamos no futuro. Finalmente, a adesão a uma ou outra forma de avaliação necessita ser vista também como um ato moral, pois nossas escolhas qualificam o modo como vemos e interagimos com nossos alunos (VILLAS BOAS, 2000, p. 150).

Nesse sentido, um bom desempenho na vida acadêmica refletiria, de forma significativa, a capacidade de os estudantes se adaptarem às expectativas de “estilos de pensamento”, evidenciadas no modo como os professores ensinam e como avaliam. Os alunos perceberiam na avaliação uma mensagem não somente sobre o que deveriam aprender, mas como deveriam pensar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já indicado neste trabalho, os sujeitos da pesquisa são alunos e alunas do curso de Pedagogia do Campus III, para conhecermos suas relações com os processos de avaliação no referido curso.

1. Ensino Superior e Avaliação: experiência no curso de pedagogia

Ao nos aproximarmos de estudantes de períodos diversos, era interessante perceber as concepções destes sobre os processos de avaliação, já que estavam em períodos diferentes no curso.

Por sua vez, também era importante identificar as concepções dos alunos e alunas que estavam nos períodos finais do curso e que já haviam estudado teorias e práticas que ao nosso ver, permitem elaborar posicionamentos mais argumentativos sobre o conceito de avaliação. Assim, quando indagamos sobre suas concepções de



avaliação no ensino superior, praticamente todas as respostas relacionam a avaliação como uma oportunidade do professor verificar se os alunos e alunas aprenderam. Não houve distanciamentos entre a fala dos alunos iniciantes no curso, daqueles que estão concluindo. Em algumas concepções se destaca a necessidade de diversificar as oportunidades de avaliação, o que é fundamental em um curso de formação de educadores. Já que a avaliação deve ser uma forma de acompanhar as aprendizagens por meio de uma ação avaliativa realmente mediadora. Segundo Hoffman (2014, p. 72) avaliar na concepção mediadora significa:

1. Oportunizar aos alunos muitos momentos de expressar suas idéias.
2. Oportunizar discussão entre os alunos a partir de situações problematizadoras.
3. Realizar várias atividades individuais, menores e sucessivas, buscando entender as respostas apresentadas pelos estudantes.
4. Em vez do certo/errado e atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores soluções.
5. Transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção de conhecimento. JUSSARA (2014, p. 72)

Ao considerarmos a necessidade de diversificar os instrumentos de avaliação para que tenhamos melhores condições de acompanhar o desenvolvimento e as aprendizagens dos estudantes, perguntamos aos sujeitos como estes percebiam os instrumentos de avaliação que eram propostos pelos docentes no curso de Pedagogia.

Os estudantes que iniciaram o curso recentemente, parecem satisfeitos com os instrumentos de avaliação propostos nos diferentes componentes curriculares e relacionam o tipo de avaliação realizada ao perfil do professor ou da disciplina. Não parece haver uma compreensão sobre a diferença entre o que significa avaliar e os instrumentos avaliativos.



As concepções sobre o processo avaliativo apresentado pelos estudantes ingressados recentemente ao curso são em grande medida, reflexos do que vivenciaram em seus estudos precedentes. De fato, não é tarefa simples apresentar concepções de um tema complexo e desafiador como é o caso da avaliação. Segundo Hoffmann (2014, p. 53):

O aluno constrói o seu conhecimento na interação como o meio em que vive. Portanto, depende das condições desse meio, da vivência de objetos e situações, para ultrapassar determinados estágios de desenvolvimento e ser capaz de estabelecer relações cada vez mais complexas e abstratas. Os entendimentos dos alunos são decorrentes do seu desenvolvimento próprio frente a umas e outras áreas de conhecimento.

Entendemos que a construção do conhecimento sobre determinado assunto se dá por meio da experiência prática, mas no âmbito da academia, estas concepções são ampliadas à luz dos estudos publicados sobre o tema e estudados durante a realização do curso. Assim, quando questionamos aos estudantes que estão concluindo a Pedagogia, sobre suas concepções de avaliação, eles remetem suas respostas à forma como foram avaliados durante o curso e não necessariamente, ao significado da avaliação. Para a maioria deles há uma predominância do instrumento prova e as avaliações são impostas pelos docentes, sem oportunizar aos discentes se envolverem nesse processo.

Era nosso interesse saber, quais os instrumentos eram mais utilizados pelos docentes do Curso de Pedagogia, pois a escolha de determinado tipo de instrumento utilizado é um importante caminho para se perceber as concepções de avaliação que estão implícitas no processo educativo proposto pelo docente.

A maioria das respostas aponta a prova como o instrumento avaliativo predominante no Curso de Pedagogia. Mais uma vez reiteramos que a falta de vivência do estudante em formação para docência de formas diversificadas de avaliação, restringem as chances desses futuros professores de inovarem em suas experiências em sala de aula.

Tanto o professor quanto o aluno fazem parte do processo educativo. Ambos interagem e são participantes desse processo. Mas é claro que ambos não podem se limitar, ou seja, criar papéis próprios sem pensar na função que cada um exerce na vida do outro. O estudante de graduação leva para toda a sua vida profissional aquilo que o professor fala/descreve/vive no dia a dia em sala de aula que pode possibilitar práticas



transformadoras ou reproduzir situações de medição, comparação e até exclusão do processo educativo.

2. Avaliação da Aprendizagem: desafios, instrumentos e sugestões

Os desafios dos alunos estão relacionados, tanto a forma como os docentes os avaliam, quanto à falta de tempo que eles possuem para conciliar o trabalho com as atividades da universidade.

Avaliar estudantes de graduação não é nada fácil! De acordo com Hoffmann (2014, p. 146):

Embora muito empregado no vocabulário dos professores esse “acompanhar” não corresponde o significado mediador do termo. Ou seja, o acompanhamento do processo de construção do conhecimento tem por finalidade “favorecer” o desenvolvimento do estudante, oferecendo-lhes novas leituras ou explicações, sugerindo-lhes novas e desafiadoras situações de aprendizagem, novas leituras e explicações, sugerindo-lhe investigações. Enfim, proporcionando-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à tomada de consciência progressiva sobre o tema em estudo.

Avaliar significa ter a responsabilidade sobre aquilo que o estudante pode indagar, refletir e dialogar para que o mesmo possa criar além do que é lhe oferecido.

É importante que exista uma coerência entre os conteúdos, as discussões em sala e os instrumentos de avaliação realizados pelos discentes, de maneira que esta ultrapasse uma concepção limitada de inserir um valor numérico em um sistema. É preciso um olhar qualitativo sobre este processo, considerando toda a dinâmica que o permeia: a relação professor e aluno, as temática discutida, as experiências de aprendizagens dos estudantes, a forma como os conteúdos são ministrados, entre outras questões.

Uma das questões respondidas pelos sujeitos dizia respeito à coerência ou não entre aquilo que era ensinado e aquilo que era solicitado aos estudantes na avaliação. Os estudantes que iniciaram o curso recentemente e que não passaram ainda por disciplinas



que o façam refletir sobre os processos pedagógicos e as possibilidades de avaliação acreditam que há coerência entre o que é estudado e o que é cobrado nas avaliações.

Mas, quando verificamos as respostas dos estudantes que estão em fase de conclusão do curso, as respostas são bem diferentes. Apenas um dos entrevistados acredita que os professores têm coerência em avaliar. Mas, os demais estudantes apresentam em suas respostas que a minoria dos profissionais ainda permanece utilizando avaliações incoerentes e até contraditórias, em relação ao que ensinam. Hoffmann (2014, p. 147) colabora com nosso trabalho quando reflete sobre avaliação no ensino superior:

A maior resistência dos professores dos graus de ensino mais avançados quanto a avaliação reside no fato de que seguem, há muitas décadas, uma prática de provas/trabalhos gerais ao final dos bimestres e semestres. Essa prática, de fato, inviabiliza qualquer possibilidade de acompanhamento individual e da relação dialógica. Tal prática, entretanto, não lhes deixa de ser onerosa em tempo e esforço. A maioria dos professores despende um tempo razoável em correções de prova e atribuição de notas e conceitos a cada período letivo.

A autora reflete positivamente sobre a avaliação e o tempo em que os docentes precisam para elaborar, aplicar, corrigir, apresentar nota, registrar. O tempo de um professor não se limita apenas a sua sala de aula. Para que o mesmo apresente novos métodos e conceitos precisa rever, estudar e planejar.

Refletir e analisar as práticas avaliativas se constitui como um princípio fundamental, especialmente, no contexto universitário e em curso que se propõe a formar docentes. Sendo assim, solicitamos que os participantes pudessem expor sugestões para melhorar os processos de avaliação no Curso de Pedagogia. Isto porque, dialogar com os educandos é fundamental para que a prática avaliativa seja mais coerente, processual e formativa.

É interessante que mesmo os estudantes que iniciaram o curso e os que estão finalizando-o sugerem mudanças nos métodos que os professores estão avaliando na graduação. De acordo com as pesquisas de Luckesi (2011, p. 249):

Produzir bons e adequados instrumentos para a coleta de dados para a avaliação da aprendizagem dos nossos educandos, sem



subterfúgios, sem enganos, sem complicações desnecessárias, sem armadilhas, pode ser um bom exercício ético na nossa vida pessoal, assim como pode ser um bom e significativo exercício vivencial de ensinar a ética aos nossos educandos na vida cotidiana.

O professor é um personagem ímpar na formação dos futuros profissionais. Seu exemplo, sua dedicação motiva e colabora com a prática futura destes formadores. Entendemos que avaliar não é apenas apresentar notas ou conceitos. Avaliar vai além da reflexão da prática social, e através dela que podemos refletir sobre nossa própria prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o desenvolvimento da investigação foi importante para que eu na condição de pesquisadora, mas também na condição de concluinte de um curso de formação de professores, tivesse a oportunidade de refletir sobre os processos de avaliação, elemento fundamental à prática pedagógica.

Os alunos concluintes e àqueles que ingressaram no curso, recentemente, defendem a proposta de que é preciso diversificar as estratégias de avaliação para que o discurso dos professores e os estudos teóricos desenvolvidos tenham coerência e promovam experiências de novas práticas avaliativas. A vivência de novas experiências de avaliação podem conduzir aos docentes em formação práticas pedagógicas transformadoras e inclusivas.

Se desejamos que nossos estudantes sejam criativos e colaboradores para uma mudança favorável no que se diz em avaliação, devemos conduzir meios que os façam refletir, propostas que façam os estudantes criar, criticar e intervir naquilo que desejamos que estes aprendam.

Avaliação é um termo muito amplo. Em um curso de formação de professores, todas as práticas vivenciadas nele, servem de base, de ponto inicial para o desenvolvimento de novas competências e métodos inovadores. Mas não basta apenas



escrever e citar; É preciso pôr em prática, motivar os estudantes a serem críticos sobre aquilo que devem atuar.

REFERÊNCIAS

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 2011.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas.** 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DALBEN, A. I. L. de Freitas. **Das avaliações exigidas às avaliações necessárias.** In: VILLAS BOAS, B. M. de F. (Org.). **Avaliação: políticas e práticas.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.

CHAVES, S. M. **Avaliação da aprendizagem no Ensino Superior: realidade, complexidade e possibilidades.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003.

DIPRESBITERIS, L. **Instrumentos de avaliação: a necessidade de conjugar técnicas e procedimentos éticos.** **Revista Aprendizagem.** Pinhais: Editora Melo, ano 1, n. 1, jul./ago., 2007.